

O ego e o id: do superego ao ideal de ego

Zelig Libermann¹, Porto Alegre

RESUMO: O autor argumenta que as transformações sociais podem ser marcadas por progressos e benefícios e são acompanhadas da sensação de perda de referenciais relacionados à cultura e aos costumes. Assim, sugere que vivemos em um período de melancolia da Humanidade ligada à perda de ideais e que para fazer frente a este estado melancólico, a sociedade do desempenho poderia ser considerada uma espécie de quadro maníaco em que o ser humano imagina não haver limites para o progresso, como um triunfo do Ego sobre o Ideal de Ego.

PALAVRAS-CHAVE: cultura, melancolia, mania, Ego, Ideal do Ego.

I – O Ego e o Id ontem

Ao longo de mais de cinco décadas de atendimento aos pacientes e de desenvolvimentos teóricos, a obra de Freud passou por várias transformações. É admirável sua capacidade de repensar as próprias ideias e propor novas formulações, sem, no entanto, descartar totalmente as teorias anteriores.

De acordo com André Green, um momento fundamental de transformação na obra freudiana foi a publicação de *Além do princípio do prazer* (1920), texto que, em sua opinião, iniciou o período denominado por ele de Giro dos anos 20 (1993), a partir do qual Freud principia a busca por respostas para os fracassos da clínica, levando ao desenvolvimento de um novo modelo da mente.

1. Médico-psiquiatra e psicanalista, analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), Diretor Científico da Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI) 2022 – 2023.

André Green considera que o Giro dos Anos 20 tem três aspectos importantes: primeiro, a tese da compulsão à repetição, a força demoníaca da pulsão; o segundo é a revelação da força principal que se contrapõe ao potencial criador da libido, que é a pulsão de destruição; e o terceiro é a duplicidade do Ego que passa a ter uma parte inconsciente: suas defesas se originam da mesma cegueira que afeta o desejo.

Entre 1914 e 1920, Freud escreveu vários textos importantes para o desenvolvimento da psicanálise: *A contribuição à história do movimento psicanalítico*; *Introdução do Narcisismo*; *A metapsicologia*; *Conferências introdutórias*; *Luto e Melancolia*; *O estranho*; *Uma criança é espancada*; até chegar ao artigo *Além do Princípio do Prazer*. Em que pese o ambiente da guerra e suas vicissitudes, Freud evidenciou uma impressionante criatividade, escrevendo todos esses trabalhos neste período.

Por outro lado, foi um período de muitas dificuldades pessoais (penúria pela guerra; filhos no *front*; mortes de amigos e da filha Sophie) e com movimentos dentro do grupo psicanalítico (notadamente a ruptura com Adler e Jung).

Além disso, Freud vivenciava os fracassos da clínica. E um caso paradigmático foi o Homem dos Lobos, que se analisou entre 1910 e 1914. Todos nós sabemos que esse não foi um tratamento bem-sucedido. Em função dos reveses clínicos, Freud passou a perceber as insuficiências da teoria para explicar e abordar todos esses elementos.

Em que pese a influência da guerra e das demais vicissitudes abordadas acima, André Green considera que a clínica foi o fator preponderante para as inovações que se seguiram no “Giro dos anos 20”.

A I Guerra Mundial trouxe uma pergunta: o que empurra os homens à matança e às feridas que os deixarão inválidos e sofrendo para o resto da vida? No que se refere à clínica psicanalítica, Green supôs que Freud consideraria que, nos casos de pacientes neuróticos que não melhoravam, a despeito da terapêutica, haveria a manutenção do conflito psíquico, levando ao sofrimento permanente, que poderíamos chamar de “guerra interna”. Então, Green traz uma interessante questão: viveria Freud entre o porquê a

guerra e por que a manutenção da enfermidade?

Chegamos, assim, ao Giro dos Anos 1920 que, embora tenha sido inaugurado pelo *Além do princípio do prazer*, inclui escritos posteriores com ideias de Freud que vieram na esteira do trabalho sobre pulsões de vida e de morte. Em conjunto, o texto de 1920 e *O Ego e o Id* (1923) adicionam outros elementos constitutivos do caráter enigmático do aparato psíquico.

Além da transformação da teoria das pulsões, temos também os estudos sobre o Ego nesse Giro dos Anos 20, começando por *O Ego e o Id* e complementado pelo artigo *Inibição, sintoma e angústia* (1926). Ambos contribuíram para mudar a posição e o papel da instância egóica, ressaltando ainda a importância das vivências primitivas para a constituição do aparelho psíquico e para a potencialidade traumática.

Outro texto importante como parte desse Giro dos Anos 20 é o *Masochismo erógeno primário*, de 1924, no qual Freud coloca a questão da origem interna da destrutividade; a agressividade representaria uma parte da pulsão de morte projetada para fora. E esse é um aspecto importante no contexto da guerra, enfim, dessa destrutividade que seria inata ao ser humano.

Então, vejam que o Giro dos Anos 20 inclui *Além do princípio do prazer* e outros textos, os quais mudarão substancialmente a obra de Freud e a sua visão sobre a estrutura e o funcionamento do psiquismo.

Em 1923, Freud publica *O Ego e o Id*, no qual apresenta um novo desenho da mente, a chamada Teoria Estrutural. Modelo da mente em que as pulsões passam a estar dentro do aparelho psíquico. E qual o valor dessa transformação para o Giro dos Anos 20? A importância é que na primeira tópica, constituída por consciente, pré-consciente e inconsciente, Freud afirmava que a pulsão (elemento limítrofe entre soma e psíquico) nunca estaria dentro do inconsciente. Para estar no interior do psiquismo, a pulsão necessitaria ligar-se a uma representação.

Portanto, na primeira tópica, Freud desenvolve um modelo mais relacionado ao âmbito da neurose, à mente mais estável, com as energias ligadas, predominando a representação.

Na segunda tópica, a teoria estrutural, ao lado da instância egóica, Freud descreve o Id, espaço psíquico que contém as pulsões: porção originária do aparelho psíquico, a partir da qual se desenvolverá o Ego.

O Id demandaria o esforço permanente para a tramitação de energias de investidura e daquelas que lutam pelo desligamento. Modelo de aparelho psíquico com um *quantum* permanente de energia desligada, no qual está limitada a possibilidade de representação; esboço da mente que contempla o irrepresentável e, portanto, um potencial maior de instabilidade. Essa ideia nos apresenta a uma lógica de automatismo e compulsão à repetição (modos primitivos do funcionamento mental) tanto no que se refere aos pacientes não-neuróticos quanto aos núcleos primitivos em indivíduos em quem predomina a estrutura neurótica.

Com relação ao Ego, até 1920, Freud o considerava uma instância que atuaria em favor do tratamento - em que pese já haver menção às resistências. Na segunda tópica, o Ego passa a ter uma parte inconsciente que o torna uma instância menos colaboradora da terapêutica. O que vai, de certa forma, nos ajudar a entender a manutenção da enfermidade, como afirma Green. Acrescido do fato de que o investimento libidinal do Ego, o narcisismo, é também um complicador na medida em que, ao se tratar (e mesmo na vida fora do tratamento), o sujeito tem que se haver com as suas feridas narcísicas. E quanto maior é esse investimento da libido no próprio Ego, mais dificuldade terá o indivíduo para transformar a visão idealizada sobre si mesmo.

Outro fenômeno que chamou a atenção de Freud foi que

“Aprendemos em nossas análises que existem pessoas em quem a autocrítica e a consciência moral, vale dizer, operações anímicas situadas no mais alto da escala de valores, são inconscientes. (...) Se queremos voltar à nossa escala de valores, teríamos que dizer: Não somente o mais profundo, também o mais alto no ego pode ser inconsciente” (Freud, 1923, pg. 28-9).

A partir dessa constatação, Freud inferiu que o Ego é passível de sofrer cisões e que:

“A separação de uma instância observadora do restante do Ego pode ser um traço regular dentro da estrutura egóica; essa ideia não mais me abandonou e me vi impulsionado a investigar os outros caracteres e nexos da instância assim separada. (...) E como cumpre ao reconhecimento de uma instância separada dar à coisa um nome próprio, designarei no que segue Superego a essa instância situada no interior do ego” (Freud, 1933 [1932], p. 55).

A descoberta do Superego é plena de desdobramentos dentro da teoria estrutural, tanto no que tange às suas origens (as identificações com as figuras parentais na elaboração do Complexo de Édipo) e funções (consciência moral e ideal de Ego) no psiquismo do indivíduo, quanto ao papel que desempenha na transmissão dos valores morais e éticos da humanidade.

De acordo com Freud,

“(...) o Superego da criança não se constrói segundo o modelo de seus progenitores, senão segundo o Superego deles; se preenche com o mesmo conteúdo, se torna portador de todos os valores permanentes que se produziram por esse caminho ao longo das gerações” (Freud, 1933 [1932], p. 62).

Em que pese que a instauração do Superego ocorra em detrimento da livre expressão dos impulsos, ela representa um avanço da independência do indivíduo em relação ao ambiente externo para conter suas pulsões e, portanto, sua inserção definitiva na cultura. A contrapartida é que o sujeito passa a ser observado desde seu mundo interno e, por isso, a conviver com o sentimento inconsciente de culpa, uma vez que a pulsão é reprimida, mas

o desejo persiste no inconsciente e não se pode escondê-lo do Superego.

Como vimos acima, o processo de desenvolvimento psíquico que leva à inserção do sujeito na cultura reproduz o caminho trilhado pela humanidade. Segundo Freud, o elemento cultural está dado com o primeiro objetivo de regular os vínculos sociais. A convivência humana só se tornou possível pela premissa básica de restrição da livre expressão das pulsões, permitindo reunir uma maioria mais forte que os indivíduos isolados. A questão é como ultrapassar uma barreira que se opõe à cultura, isto é, a inclinação natural dos seres humanos a agredirem-se uns aos outros.

A substituição do poder do sujeito pelo da comunidade foi um passo decisivo para a cultura, pois estabelece a busca pela justiça, por uma ordem estabelecida que não será rompida em favor do indivíduo.

Essas condições básicas das relações humanas comunitárias fazem parte do que Freud denominou Superego cultural, o qual tem estabelecido seus ideais e demandas.

“Entre estes, os que se referem aos vínculos recíprocos entre os seres humanos se resume sob o nome de ética. (...) A ética há de conceber-se com um ensaio terapêutico, como um empenho de alcançar por um mandamento do Superego aquilo que até este momento o restante do trabalho cultural não havia alcançado” (Freud, 1930 [1929], p. 137-8).

E ainda de acordo com Freud, os vínculos recíprocos entre os seres humanos envolvem também o ideal de que todos os indivíduos tivessem atendidas suas necessidades básicas. Nesse sentido, podemos considerar que, do ponto de vista dos meios concretos, a humanidade avançou muito em sua possibilidade de atender aos requerimentos fundamentais de cada sujeito. No entanto...

Os períodos de mudanças da Humanidade caracterizam-se pela influência mútua entre os meios de produção econômica e cultural. As transformações sociais podem ser marcadas por progressos e benefícios,

mas potencialmente são acompanhadas da sensação de perda de referenciais relacionados à cultura e aos costumes.

Talvez mais rapidamente do que em eras anteriores, desde o século XVII, a Humanidade tem enfrentado profundas transformações, as quais iniciaram com a Revolução Industrial e com a secularização do pensamento, passando pela I Guerra Mundial e o fim das ilusões da *Belle Époque*, além da Grande Depressão Econômica dos anos 1930 e chegando à II Guerra Mundial e a banalização do mal.

A partir da segunda metade do século XX, o intenso avanço tecnológico e costumes mais flexíveis propiciaram muitas comodidades, assim como a possibilidade de uma vida mais longa e de melhor qualidade.

Nesse caso, onde estariam as condições para o momento tão conturbado que hoje vivemos globalmente? Quais os fatores que nos levam à sensação de perda de referenciais relacionados à cultura e aos costumes?

Evidentemente que essas perguntas demandariam a observância de inúmeros pontos de vista. Portanto, as conjecturas que aqui apresentarei são necessariamente parciais.

Um primeiro aspecto a considerar é o papel da crença nos atributos da tecnologia. A fantasia de poder absoluto do ser humano, trazida pela evolução tecnológica, mostrou-se uma expectativa frustrada. Até o início da pandemia de Covid-19, parecia não haver limites para o progresso humano. Chegou-se ao ponto de acreditar que o Homem podia brincar de ser Deus! E, então, acabamos nos deparando com o fato de que os recursos de que dispomos na atualidade não foram suficientes para evitar um enorme sofrimento. A pandemia de Covid-19 nos colocou, coletivamente, de frente com as três grandes fontes do sofrimento do indivíduo, segundo Freud (1930 [11929]): a natureza, o corpo e o outro.

Somado a isso, é importante levar em conta a frustração das expectativas ligadas ao fenômeno da globalização. A promessa de uma aldeia global com distribuição de informação, conhecimento e riquezas não se tornou uma realidade ampla. O que se constatou é que, ao longo do tempo, a disponibilidade de tecnologia passou a ser díspar ao redor do mundo, não tendo

ocorrido a diminuição da desigualdade social e econômica. Mundialmente, aumentou a concentração de renda, o trabalho foi se tornando cada vez mais precário e camadas da população ficaram (e continuarão) sem função na sociedade.

Além disso, percebe-se a tendência a uma cultura homogênea, que leva à perda de referenciais locais. Nesse contexto, a atividade simbólica, essencial à construção do psiquismo, sofre prejuízos, podendo ser substituída por manifestações voltadas ao corpo ou ao ato. O pensamento é substituído pela ação.

Podemos conjecturar, então, que vivemos um período de perda de ideais da Humanidade, perda esta que se faz acompanhar de uma multidão de egos sobrecarregados por sensações de desamparo, desesperança e desilusão.

II - O Ego e o Id hoje

A contrapartida desse sofrimento citado acima, estaria presente no modo encontrado pelo sujeito para negar o poder do outro, uma vez que o desenvolvimento tecnológico acena com a possibilidade ilusória de satisfação imediata dos ideais narcisistas, na qual “(...) certo poder é delegado a um objeto [material] com a ilusão messiânica de conjurar definitivamente a ameaça do abandono e do desamparo” (Marucco, 2004 p. 264).

Neste contexto, o espaço para o questionamento necessário à evolução da sociedade está tomado, muitas vezes, por um relativismo extremado em que se perdem os limites, as responsabilidades e as funções atribuídas a determinados papéis sociais.

De acordo com o filósofo coreano Byung-Chul-Han (2017), a cultura contemporânea assistiu a uma transformação em que a sociedade disciplinar e seus habitantes, “os sujeitos da obediência” (p.23), foram substituídos pela sociedade de desempenho e seus habitantes, os sujeitos de desempenho e produção (p.23). Na sociedade do desempenho, a sobrecarga de trabalho bem como um excesso de impulsos, estímulos e informações modificam

radicalmente a estrutura e a economia da atenção.

Atualmente, a realidade, mais do que nunca, significa algo muito além do ambiente imediatamente ao nosso redor. Com o advento da tecnologia e da globalização decorrente, estamos em contato permanente, em tempo real, com fatos de todas as latitudes. E embora adquirir conhecimento instantâneo sobre os acontecimentos ao redor do mundo possa ser considerado um benefício do avanço tecnológico, a enorme quantidade de notícias que recebemos diariamente bem como as demandas que disso resultam colocam em xeque nosso escudo de para-excitação, como definiu Freud em *Além do princípio do prazer* (1920).

Certamente esse fenômeno exige um esforço intenso para compreendermos o mundo e nos sentirmos participantes dessa realidade. Porém, o excesso de realidade pode dificultar a preservação do necessário espaço para as fantasias e a ilusão.

Um exemplo da modificação da economia da atenção seria o fenômeno da multitarefa, a qual o filósofo coreano não considera como marca de progresso, mas um retrocesso, uma vez que seria um recurso indispensável para a sobrevivência na vida selvagem:

“Um animal ocupado com a mastigação se ocupa ao mesmo tempo com outras atividades. Deve cuidar para que, ao comer, ele próprio não acabe comido, vigiar sua prole e seu parceiro. Na vida selvagem, o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. Por isso não é capaz de aprofundamento contemplativo nem ao comer nem ao copular. (...) As mais recentes evoluções sociais e a mudança de estrutura da atenção aproximam cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem” (2017. p. 32).

Como resultado desse fenômeno, assistimos à expressão de uma hiperatividade e uma tolerância muito limitada para o tédio, aquele tédio profundo tão importante para o processo criativo. Sem espaço para a

contemplanção, e movido pela ânsia produtiva, o sujeito da sociedade do desempenho e produção encontrar-se-ia mais voltado a si mesmo (Han, 2017).

Evidentemente essas transformações sociais se refletiram na psicanálise, tanto em seus aspectos teóricos quanto em sua prática. Tornou-se necessário pensarmos como essas mudanças na configuração social influenciam as relações intersubjetivas (do sujeito e suas pulsões com o mundo externo e a cultura) e as intrapsíquicas (entre ego, id e superego).

Segundo Han, o sujeito da obediência, condicionado pela repressão e sentimento de culpa, expressaria seus conflitos através da neurose. Já o habitante da sociedade do desempenho, supostamente livre do domínio externo que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo, seria um senhor de si mesmo vivendo uma liberdade enganadora e entregue ao que ele denomina de “(...) ‘livre coerção’ de maximizar o desempenho. O explorador é ao mesmo tempo o explorado” (p.30). Como resultado, vemos a depressão e o sentimento de fracasso.

Para defender seus pontos de vista, o filósofo coreano argumenta que o aparato psíquico desenhado por Freud, baseado na noção de mandamentos (repressão) não se aplica em uma sociedade marcada pela noção de autoafirmação com base no desempenho, já que, em sua opinião, o inconsciente freudiano não seria atemporal, mas um produto da cultura repressiva da qual nos afastamos cada vez mais.

Nesse sentido, ao abordar a questão da melancolia, Han afirma que a teoria de Freud que envolve o objeto não se aplicaria ao modelo do desempenho:

“(…) não há nenhuma relação de conflito ambivalente com o outro que tenha se perdido que preceda à enfermidade depressiva do sujeito de desempenho atual. Ali não há qualquer participação da dimensão do outro. O responsável pela depressão, na qual acaba desembocando o *burnout*, é, antes de tudo, a autorrelação sobremodulada, narcisista que adota traços depressivos” (p.90-1).

E ainda:

“O ego pós-moderno emprega grande parte da libido para si mesmo. O restante é distribuído em contatos sempre crescentes e relações superficiais e passageiras. Em virtude de um fraco elo, é fácil retirar a libido de um objeto e direcioná-lo a novos objetos. A alegria que se encontra nas redes sociais de relacionamento tem, sobretudo, a função de elevar o sentimento narcísico. Ela forma uma massa de aplausos que dá atenção ao ego exposto ao modo de mercadoria” (p. 93).

Em que pese que as descrições de Han sobre o ser humano contemporâneo podem ser vistas em nosso dia a dia, penso em um modo diferente de encarar as relações do sujeito do desempenho com os objetos e entre suas instâncias intrapsíquicas (id, ego e superego).

Ainda que se considere que a atualidade difira efetivamente da época repressiva de Freud, é preciso levar em conta que a formulação freudiana do superego (como correlato da repressão) não abarca apenas a realidade vivencial da relação com os pais e o ambiente imediato. As imagens internalizadas dos objetos que estruturam o superego contêm também os códigos sociais básicos, uma vez que a identificação com os pais acarreta a identificação com o superego desses pais, que por sua vez carregam aspectos do superego de seus próprios pais, e assim retrospectivamente.

E como define Norberto Marucco,

“O humano que nasce representa o ponto de chegada de uma larga evolução filogenética; dá conta de uma herança de sua espécie e de sua própria linhagem. Mas também, ainda antes de nascer, o ser humano é e existe como perspectiva de um projeto futuro de seus “outros” antepassados; vem ao mundo pelo desejo de outros e por esse desejo é “nomeado” (2000, p. 4).

Assim sendo, podemos considerar a ausência de uma instância interna repressiva? Ou seria a presença de um superego atravessado pelas vicissitudes da cultura contemporânea?

Evidentemente que Han, como filósofo que é, descreve os fenômenos de um ponto de vista sociocultural. É possível, portanto, compreender suas hipóteses de ausência da dimensão do outro na configuração do sujeito do desempenho como fruto da observação do coletivo.

Porém, como psicanalistas que somos, sem desconsiderar a realidade, precisamos pensar também em termos do mundo interno. E constatar que os indivíduos estão voltados para si, buscando maneiras de negar a importância do objeto não equivale a dizer que “não há nenhuma relação de conflito ambivalente com o outro que tenha se perdido”. Como o próprio Freud afirmou, a defesa revela o que é defendido!

Proponho, então, que pensemos o sujeito da sociedade do desempenho não pelas ausências da dimensão do objeto e do conflito ambivalente com o outro, mas através de uma alteração na configuração das relações entre as instâncias psíquicas com a influência intensa do Ideal de Ego.

O Ideal de Ego (instância que nos avalia na busca e realização de nossos objetivos) contém os ideais que construímos em nosso mundo interno a partir da herança de aspectos do narcisismo primário que se transformaram por duas razões: o reconhecimento da realidade da potência do outro e a necessidade de nos adequarmos, em alguma medida, às expectativas desses objetos.

Na melancolia, condição patológica que se caracteriza por feridas narcísicas ligadas à perda dos objetos (materiais ou abstratos), o Ideal de Ego julga e ataca o Ego transformado pela identificação com o objeto perdido. O Ideal de Ego está em conflito com o Ego. Segundo Freud, uma saída buscada para enfrentar essa sobrecarga é o quadro de mania, no qual o Ego se liberta dos jugos que o oprimem e passa a não ter limites. Ocorre um triunfo do Ego sobre o Ideal.

Proponho, então, que essa descrição de Freud sobre a melancolia no indivíduo seja ampliada para uma abordagem coletiva.

Como vimos acima, talvez mais rapidamente do que em eras anteriores, desde a Revolução Industrial, a civilização tem enfrentado profundas mudanças, as quais ocorrem cada vez mais rápidas. As transformações sociais podem ser marcadas por progressos e benefícios, mas potencialmente são acompanhadas da sensação de perda de referenciais relacionados à cultura e aos costumes. Podemos conjecturar, então, que vivemos um período de melancolia da Humanidade ligada à perda de ideais.

E para fazer frente a este estado melancólico, a sociedade do desempenho, ou do cansaço, poderia ser considerada uma espécie de quadro maníaco em que, auxiliado pelo desenvolvimento tecnológico, o ser humano, como vimos anteriormente, imagina que não há limites para o progresso, a ponto de acreditar que poderia brincar de ser Deus! Triunfo do Ego sobre o Ideal de Ego?!

O resultado dessa combinação de melancolia com defesa maníaca é um ambiente de hiperatividade em que os desempenhos culturais da humanidade se encontram prejudicados por uma falta de atenção profunda, contemplativa.

De acordo com Freud, momentos como estes são propícios à formação das massas psicológicas, nas quais a multidão de indivíduos coloca um único líder no lugar do Ideal de Ego, identificando-se com seus hipnotizantes discursos de restauração dos ideais perdidos.

Levando-se em conta que tais fenômenos se repetem historicamente, em momentos de crise a Humanidade estaria propensa a se dividir e a buscar o pretense conforto em líderes messiânicos de todos os matizes que tudo explicam e tudo resolvem por meio dos seus discursos hipnotizantes? Talvez!

A descrição de Han sobre a sociedade do desempenho, em conjunto com suas teorizações a respeito da mesma, despertou-me, na condição de leitor, uma sensação de desalento. E pareceu-me inevitável a pergunta: Existem caminhos para transformações dessa realidade opressiva? Evidentemente não há uma receita única, universal. Não sabemos nem mesmo se existe essa possibilidade.

No entanto, quem sabe ainda possamos restaurar a sensação de amparo, de esperança e a necessária ilusão acreditando que o contínuo (ainda que oscilante) desenvolvimento do ser humano leve um número crescente de indivíduos a concordar com Hannah Arendt: “O poder não pertence a nenhum indivíduo. Sendo fruto da capacidade humana de agir em concerto, o poder pertence a um grupo e existe na medida em que o grupo se mantém unido” (p.31). Ou, como diria Freud, no amálgama das pulsões que caracteriza a vida, que, então, predomine a pulsão de vida.

E nesse contexto podemos nos perguntar, e a psicanálise com isso? Pois é, a psicanálise tem tudo a ver com isso.

Acredito que a psicanálise (que vem trabalhando, cada vez mais, em intensa colaboração com outras áreas do conhecimento humano e da ação comunitária) possui um arcabouço teórico capaz de contribuir para a tentativa de transformação da difícil realidade de nosso tempo, através de compreensões alternativas às polarizações, negacionismos, fanatismos etc, isto é, à barbárie que nos cerca.

Sua natureza própria, centrada na compreensão da dimensão humana em seus aspectos inconscientes e na relação entre seres humanos que se propõem a interagir em um tempo que não é o do cotidiano acelerado, visa à busca de um autoconhecimento que não procura o alívio imediato e pressupõe o aprofundamento contemplativo. O pensamento antes que o ato.

THE EGO AND THE ID: FROM THE SUPEREGO TO THE IDEAL OF EGO

ABSTRACT: The author argues that social transformations can be marked by progress and benefits and are accompanied by a sense of loss of references related to culture and customs. Thus, it suggests that we live in a period of humanity's melancholy linked to the loss of ideals and that to face this melancholy state, the performance society could be considered a kind of manic frame in which the human being imagines that there are no limits to what can be done. progress, as a triumph of the Ego over the Ideal of Ego.

KEYWORDS: culture, melancholy, mania, Ego, Ideal of Ego.

EL YO Y EL ELLO: DEL SUPERYÓ AL IDEAL DEL YO

RESUMEN: El autor sostiene que las transformaciones sociales pueden estar marcadas por avances y beneficios y van acompañadas de una sensación de pérdida de referencias

relacionadas con la cultura y las costumbres. Así, sugiere que vivimos en un período de melancolía de la humanidad ligada a la pérdida de ideales y que para afrontar este estado de melancolía, la sociedad del performance podría considerarse una especie de marco maniaco en el que el ser humano imagina que no hay límites para lo que se puede hacer es progresar, como un triunfo del Yo sobre el Ideal del Yo.

PALABRAS CLAVE: cultura, melancolía, manía, Yo, Ideal del Yo.

REFERÊNCIAS:

- Arendt, H. (1969) *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994
- Freud, S (1920). Más allá del principio de placer In: *Sigmund Freud Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v. 18, p. 1-62
- Freud, S (1923). El yo y el ello In: *Sigmund Freud Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v. 19, p. 1-66.
- Freud, S (1924). El problema económico del masoquismo y el ello In: *Sigmund Freud Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v. 19, p. 161-176.
- Freud, S (1926). Inhibición, síntoma y angustia. In: *Sigmund Freud Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v. 20, p. 71-164.
- Freud, S (1930 [1929]). El malestar en la cultura In: *Sigmund Freud Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v. 21, p. 57-140.
- Freud, S (1933 [1932]). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. 31ª Conferencia. La descomposición de la personalidad psíquica. In: *Sigmund Freud Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v. 22, p. 53-74.
- Green, A (2001) Introducción. El giro de los años locos. In ____ La nueva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud – Aspectos fundamentales de la locura privada. Buenos Aires: Amorrortu. 2001 p. 11-34.
- Han, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- Marucco, N (2000) La estructura de la personalidad y la cultura - De la endogamia narcisista a la exogamia edípica (Ideales narcisistas e ideales culturales). Trabalho apresentado no XXIII Congresso Latino-americano de Psicanálise. 02 a 06 de setembro de 2000. Gramado – RS – Brasil.
- Marucco, N. (2004). A prática analítica atual e a problemática do poder. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 26(3): 259-267.

zelig.libermann@gmail.com